

O *eidos* do desenho, o *eros* da pintura e as relações de inclusão/exclusão na produção de imagens e imaginários em projetos arquitetônicos de prédios residenciais

The eidos of drawing, the eros of painting and relations of inclusion/exclusion in the production of images and imaginaries in architectural projects for residential buildings

Lucas Carvalho Rôla Santos é bacharel, mestre e doutorando em arte (Escola Guignard – UEMG, EBA – UFMG) e professor efetivo (Unimontes).
doisde@gmail.com

Resumo: O presente resumo traz uma análise crítica de dois âmbitos da imagem do projeto arquitetônico inserido no mercado de prédios residenciais: o projeto técnico e as imagens de venda. Essa análise parte de premissa de que essas duas instâncias da imagem arquitetônica, ainda que tenham algum imbricamento, seguem uma tradição histórica, embasada na dualidade platônica, que situa o desenho no âmbito da racionalidade, da alma, e a cor no âmbito do sensório, do corpo. Ambas, todavia, atuam na produção da arquitetura de maneiras distintas numa construção que antecede, instaura e vai além da construção efetiva do edifício como um existir antes e durante o erigir. Uma operando como um *eidos*, imagem ideal da qual a construção tenta se aproximar, outra agindo na esfera do *eros*, estabelecendo relações de inclusão/exclusão por trazer uma proximidade sensível que, todavia, atua desigualmente nos imaginários segundo estratificações sociais. Para tanto, são empregados autores como Platão, Aristóteles, Vasari, textos que compõem o debate desenho/colorido do séc. XVI, de Blanchard e De Piles, e um tratado de Goethe.

Palavras-chave: Desenho. Cor. Coloração. Arquitetura. Projeto Arquitetônico.

Abstract: This work presents a critical analysis of two scopes of the architectural project image inserted in the residential building market: the technical project and sales images. The analysis follows the premise that these two instances of architectural image, even if they somehow overlap, follow a historical tradition, based on a Platonic duality, which places design within the scope of rationality, the soul, and color within the scope of the sensorium, the body. Both, however, act in the production of architecture in different ways in a construction that precedes, establishes and goes beyond the actual construction of the building as an existence before and during the erection. One operating as an *eidos*, an ideal image that the construction tries to approach, the other acting in the sphere of *eros*, establishing relations of inclusion/exclusion by bringing a sensitive proximity that, however, acts unequally in the imaginaries according to social stratifications. To this end, authors such as Plato, Aristotle, Vasari are used, as well as texts that are part of the drawing/color debate of the 16th century, by Blanchard and De Piles, and a treatise by Goethe.

Keywords: Design. Color. Coloring. Architecture. Architectural Project.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar criticamente, sob o viés da imagem, dois componentes visuais do projeto arquitetônico que costumam atuar, de maneira complementar, no mercado imobiliário de prédios residenciais: o projeto técnico, cuja face principal se encontra no desenho da planta-baixa, e aquilo que aqui será denominado de imagens de venda – entendidas como um portfólio imagético, ou um conjunto de imagens em variadas formas e meios. Esses dois elementos seguem, a modo geral, uma tradição histórica iniciada na Renascença que passa pelo debate e dualidade acerca do desenho e da cor, contemplando o que seriam suas características específicas, sua função e hierarquia na produção pictórica, numa discussão de fundamento teórico que assumiu contornos de querela:

Essa tensão transformou-se aos poucos em oposição doutrinária, à medida que Veneza pretendia rivalizar com Florença no século XVI, e sobretudo à medida que, na França, no século XVII, se colocava de maneira cada vez mais intensa a questão de saber qual era a parte essencial de pintar. (LICHTENSTEIN, J., 2006, p. 9-10)

Subjaz nessa discussão o dualismo platônico, que opera na dupla face alma/corpo e mundo inteligível/mundo sensível, de modo que aqui pretende-se mostrar e analisar como o projeto técnico atua como um *eidos* platônico e, por sua afinidade à alma e a geometria, está inscrito numa tradição do desenho, também tomado no seu caráter de *desígnio*. Ao passo que as imagens de venda se situam na instância da cor, trazendo consigo a conjugação sensível, absolutamente correspondente, da “carnação”, termo muito usado pelos pintores do século XIV, com o *eros*. Neste sentido, estabelecem uma relação ambígua, de proximidade sensível, mas idealizada, que procura atuar desiderativamente no imaginário de determinado público, ao passo que exclui outros para quem suas prospecções são interdições.

***Eidos*, o primado do desenho no projeto técnico e a planta-baixa como alma**

Em “*As vidas dos mais excelentes, pintores, escultores e arquitetos*”, Vasari (2006, p. 20) afirma que “oriundo do intelecto, o desenho, pai de nossas três artes – arquitetura, escultura, pintura –, extraí de múltiplos elementos um juízo universal”. Trata-se de uma frase que sintetiza não apenas o “primado do desenho”, mas sua dupla característica platônica, de ser a fim ao intelecto, correspondente à racionalidade da alma, e de sua capacidade de produzir juízos universais.

Não é Platão, todavia, que traça essa analogia. Em Platão, desenho e pintura, muitas vezes são colocados como um só – pelo menos nas traduções que temos acesso – e em ambos os casos são situados no seu caráter já conhecido de afastamento com relação à Verdade, na tríade da “Teoria das Formas” (PLATÃO, s.d., p. 437). É Aristóteles (2008, p. 50), discípulo de Platão, que introduz, na sua “Poética”, uma relação análoga entre alma, estrutura e ordenação com o desenho e a cor:

O enredo é, pois, o princípio e como que a alma da tragédia e em segundo lugar vêm, então, os caracteres (é algo semelhante ao que se vê na pintura: se alguém trabalhasse com as mais belas tintas, todas misturadas, não agradaria tanto como se fizesse o esboço de uma imagem).

Para Aristóteles (2008, p. 51) “a beleza reside na dimensão e na ordem”. O desenho exprime essa ordenação, delimita a forma – a questão da visibilidade do todo também é importante para o autor que, na mesma página diz que “um animal belo não poderá ser nem demasiado pequeno (pois a visão confunde-se quando dura um espaço imperceptível de tempo) nem demasiado grande”, pois se perde a abrangência da sua totalidade. Dentro dessa perspectiva, do desenho estruturante, Vasari (2006, p. 21) aponta que, para a arquitetura, a técnica tem particular importância:

Porque nela os desenhos não são mais que linhas, e estas, para o arquiteto, são o princípio e fim de sua arte, pois todo o restante, mediante modelos de madeira traçados a partir dessas mesmas linhas, não é mais que trabalho de carpinteiros e pedreiros.

Ao assumir a relação entre desenho, intelecto, universalidade da forma, e determinar que o trabalho do arquiteto começa e termina na linha, o

autor produz uma subversão platônica que, contudo, corresponde a um (neo)platonismo do desenho, típico do pensamento da Renascença: “o desenho não é matéria, nem corpo, nem acidente, escreve Zucarro na *Ideal del pinttorre*, e sim forma, concepção, ideia, regra, finalidade” (LICHTENSTEIN, J., 2006, p. 12). O projeto técnico é um *eidos*, no qual a planta-baixa é a alma. Existe como forma ideal, desenho matemático e preciso, cuja edificação é sempre possibilidade de aproximação material.

A carnação da cor e colorido e o eros includente/excludente nas imagens de venda

O conjunto do que aqui é denominado de imagens de venda é muito amplo. Considera-se que todas elas agem de forma interligada, ainda que tenham tipos, formas e esferas de atuação diferentes. As imagens de venda podem ser bidimensionais, no caso de prospecções espaciais com ou sem figuras; podem ser tridimensionais, como maquetes, podem frequentar panfletos e *sites*, tanto quanto podem estar no sítio da obra. Invariavelmente, as imagens de venda têm alguma permeabilidade com o projeto técnico, não apenas como derivação, mas como um componente ambíguo, que lhe serve ou serviu, e que nele ainda pode influenciar. Mas uma característica que perpassa a grande maioria das imagens de venda é o uso da cor.

Roger De Piles, no “*Curso de pintura por princípios*” estabelece, logo no início do texto, a diferenciação entre cor e colorido. “A cor torna os objetos sensíveis” à visão e o colorido é “uma das partes essenciais da pintura” (2006, p. 48). Assim, cor e colorido estabelecem a dimensão do sensível na imagem, por mais apartada da realidade que ela possa ser (fazendo jus ao seu platonismo, a planta-baixa é mais próxima da realidade do constructo do que as imagens de venda). Noutro aspecto, Goethe (2006, p. 75) aponta que “as pessoas em geral sentem grande prazer com a cor. O olho necessita dela tanto quanto da luz” e o próprio órgão está sempre disposto a produzi-las. Desta forma, o prazer da cor e do colorido se associa à carnação,

está no âmbito do corpo e do sensório. Característica esta que Blanchard (2006, p. 38) defende como seu grande trunfo, que lhe confere abrangência:

O desenho, em toda sua precisão, só é compreendido por pouquíssimas pessoas e só agrada os conhecedores mais refinados e os pintores mais hábeis, ao passo que a cor, tal como a emendamos, em toda sua precisão e harmonia, encanta a todos.

As imagens de venda seguem todas essas premissas. Porque impossíveis como realização da concreta construção arquitetônica, na sua carnação, procuram convencer como aproximação plausível da realidade que será o constructo, sem abdicar da sua dimensão ilusionista, poética, pois que pretendem convocar o *eros*, ou seja, o corpo sensível e o desejo do comprador. Todavia, dialeticamente, numa sociedade estratificada socialmente, essas imagens também excluem pela proximidade, pois que sua presença sensível se apreende não num imaginário compartilhado, mas em imaginário(s) segregado(s) pelas experiências sociais. Para seu público-alvo, configuram-se uma ideiação passível de habitação, para os demais, uma interdição concreta anterior à construção. Produzem, nesta ação de dupla-via, um existir antes do erigir, construindo uma outra edificação, consonante à construção do prédio, na esfera dos imaginários, seja como desejo possível, seja como espaço restrito.

Conclusões

As instâncias da imagem arquitetônica, projeto técnico e imagens de venda, uma do desenho, outra da cor, são complementares num processo de execução que não tangencia apenas o constructo, mas todo um giro econômico que pressupõe edificação e venda. Ainda assim, inscrevem-se numa longa tradição de pensamento da imagem. Se o projeto técnico, no seu caráter de *eidos*, de desígnio, revela uma forma imaterial, ideal, de que a construção efetiva pretende aproximar; as imagens de venda conferem à obra antecipada legitimidade no mundo sensível, apelando à cor e coloração, à carnação, à maquiagem para adentrar no domínio do sensório. Todavia, sua apreensão, numa sociedade desigual é igualmente desigual. Ao trazer a carnação

verossímil, apelam aos sentidos, instituindo uma presença vívida que pode tanto aprazer, convocar, interessar, quanto igualmente determinar uma interdição social. Em ambos os casos, é justamente a proximidade sensível instituída pela cor e coloração que torna mais visível e sensórias essas relações, a que se somam a própria composição: tipos étnicos, modelos de roupas e carros, todos os elementos que se apresentam nas composições de imagens de venda promovem relações de acesso/inacessibilidade, e demonstram como a produção de imagens na arquitetura comercial vai muito além de funções técnicas, agindo de maneira tão concreta na produção do imaginário social quanto é a construção do edifício na paisagem urbana.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. 3ª ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BLANCHARD, G. Conferência sobre o mérito da cor. *In*: LICHTENSTEIN, J. (ORG.). **A pintura – vol. 9: O desenho e a cor**. Coord. de trad. Magnólia Costa. São Paulo: Ed. 34, 2006.

DE PILES, R. Curso de pintura por princípios. *In*: _____ 2006.

GOETHE, J.W. O tratado das cores. *In*: _____ 2006.

LICHTENSTEIN, J. (ORG.). **A pintura – vol. 9: O desenho e a cor**. Coord. de trad. Magnólia Costa. São Paulo: Ed. 34, 2006.

PLATÃO. **A República**. S.d. Disponível em: https://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf. Acesso em: 24 de out. de 2023.

VASARI, G. A vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos (“O primado do desenho”), 1568. *In*: LICHTENSTEIN, J. (ORG.). **A pintura – vol. 9: O desenho e a cor**. Coord. de trad. Magnólia Costa. São Paulo: Ed. 34, 2006.